

O QUE PODEMOS APRENDER COM A TURMA DA LAVOURA?



SIMONE GARCIA

Consultora de serviços técnicos de bovinos de corte da Agrocere Multimix

A INTENSIFICAÇÃO da pecuária já é realidade nas diferentes regiões do Brasil. Cada qual cuida da sua especificidade, porém todas estando focadas em aumentar a produção e encurtar o tempo que o animal fica na propriedade. Nesse cenário, conhecer e gerenciar os números da fazenda, buscando tecnologias que agreguem em produtividade, são medidas que devem compor o dia a dia da fazenda.

Como controlar preço de venda não está ao nosso alcance, nos resta pensar nos custos de produção, que, por sua vez, são influenciados pelo preço da aquisição de insumos e pela produtividade. A busca por uma maior produtividade pode envolver desde aumentos de desembolso com o incremento do nível de suplementação, até a simples ação de buscar melhorias no manejo de colheita da pastagem.

Nesse contexto, temos bastante coisa para aprender com a turma da agricultura. Ações como colheita no momento certo, consideração do resíduo para fazer um plantio direto,

adubação programada, combate a pragas, entre outras, associadas ao conhecimento dos custos de produção, permitem saber o que precisa ser colhido para pagar todo o investimento, dando previsibilidade e segurança à atividade.

Como consultora técnica de campo de uma empresa de nutrição animal, vejo pecuaristas querendo melhorar seus resultados, sedentos por adotar novas tecnologias, sendo uma das mais procuradas a suplementação a pasto. Já sabemos que, em muitos casos, quanto mais suplemento, melhor, mas a conversa não é tão simples assim: planejamento e gestão financeira devem estar muito bem alinhados desde o início do projeto.

EO QUE PODEMOS TIRAR DISSO? SERÁ POSSÍVEL TRABALHAR EM UM CENÁRIO DE PECUÁRIA DE PRECISÃO?



Nas visitas técnicas, buscamos conhecer a fazenda e o sistema de produção como um todo, e, na maioria das vezes, o diagnóstico é o mesmo: pastagens degradadas e mal manejadas e o pecuarista responsável querendo algum produto milagroso para colocar no cocho com o objetivo de fazer o ganho de peso dos animais decolar.

A nossa primeira recomendação é o cuidado com as pastagens, o que, algumas vezes, acaba frustrando alguns clientes. Ora, se o sistema de produção é baseado em pastagens e se estamos falando de animais ruminantes, por que os nossos pecuaristas não conseguem olhar com mais “carinho” para o pasto?

Os agricultores definem o resultado que buscam (meta) antes mesmo de começar a preparar a terra para plantar, pois, assim, conseguem planejar-se financeiramente (estoque de insumos, entre outros) e, ainda, cuidam da lavoura durante todo o ciclo de produção para que a colheita ocorra no momento certo e da forma correta.

E você, pecuarista, sabe quais são os seus custos, a sua produção? Quantas arrobas precisa colher, ou quantos quilos o animal precisa ganhar na sua fazenda para pagar, pelo menos, o seu pasto? Quantas arrobas são necessárias para pagar um investimento em adubação?

Para exercitar, vamos pensar em uma fazenda com 500 hectares de pastagens, com taxa de lotação de 1 unidade animal por hectare (UA/ha), sendo o preço da arroba (@) de R\$ 300,00 e o custo do pasto de R\$ 45,00/cabeça/mês (R\$ 540,00/cabeça/ano).

Nesse caso, fazendo um cálculo bem básico, concluímos que cada animal na fazenda precisa ganhar pelo menos 0,147 quilos/dia durante o ano todo, ou seja, aproximadamente 1,8 @/ha/ano para pagar somente o custo do pasto. Trata-se do mesmo pasto que fica cinco, dez ou mais anos sem receber nenhum investimento e, aos poucos, vai perdendo a qualidade, o que se reflete na queda de produção da fazenda.

O que observamos, cada vez mais, são pecuaristas amargando prejuízos ano após ano e atribuindo a culpa sempre a terceiros (frigoríficos, reposição, empresas de nutrição animal,

MAS É CLARO QUE PECUÁRIA É PECUÁRIA, AGRICULTURA É AGRICULTURA E AMBAS POSSUEM SUAS VANTAGENS E DESVANTAGENS, FACILIDADES E DIFICULDADES, DEVENDO SUAS DIFERENÇAS SEREM CONSIDERADAS.

e por aí vai). Ao mesmo tempo, testemunhamos a falta de conhecimento sobre o quanto se produz no ano e vemos animais sendo deixados à mercê da própria sorte, podendo perder peso na seca e deixar de ganhar tudo o que poderiam nas águas, pela simples filosofia de que cuidar do pasto é caro e investir em tecnologia também.

Esses produtores deixam de atentar para o fato de que o custo do pasto também está lá e que um aumento da produção ajudaria a diluir esse custo.

Uma das diferenças relevantes entre agricultura e pecuária é que o produto final do agricultor é soja, milho ou qualquer outra cultura, enquanto, na pecuária, o nosso produto final é o animal, o que exige entender e respeitar a interação entre planta e animal, indo o manejo do pasto muito além da simples produção de forragem.

Ao praticarmos a intensificação da pecuária e, como consequência, adotarmos a adubação como uma das ferramentas, devemos considerar que aumentaremos, assim, a disponibilidade de forragem. Como precisamos colher essa cultura no momento certo, devemos investir em um aumento no número de máquinas para realizar essa colheita de maneira eficiente, ou seja, precisaremos investir em mais animais para colocar na área adubada.

Esse investimento em animais, muitas vezes, não é considerado pelo pecuarista, o que pode comprometer tanto a saúde financeira da atividade, quanto o manejo da pastagem. Mas um maior investimento pode significar um aumento considerável na quantidade e na qualidade do produto final.

No caso da pecuária, podemos sair de ganhos de 500 gramas (g)/cabeça/dia para 650 a 700 g/cabeça/dia ou sair de uma lotação de 1 UA/ha para 3 UA/ha, por exemplo, sem investimentos astronômicos.

Se considerarmos que a pecuária é uma atividade em que os riscos são mais controlados, além de termos opção de negociar ou segurar o animal na propriedade conforme as oportunidades, a intensificação do sistema pode se tornar tão lucrativa quanto a agricultura, ou até mais.

O importante é abolir um pensamento comum na pecuária: o de que ela aceita erros. Não, a pecuária não aceita erros. O que ocorre é que os resultados vão piorando em doses homeopáticas, um pouco a cada ano; e, quando percebemos, o estrago já é grande.

Usando um linguajar futebolístico: cuidar do pasto como uma lavoura é como dizer “a base vem forte”. É importante cuidar da base (pasto). Quando cuidamos bem dela e damos boas oportunidades para se desenvolver, ela vem forte. E uma base forte ajuda demais um time. ■